

Histórias e memórias sobre o levante comunista de Fernandópolis em 1949.

Vagner José Moreira *

Resumo: As histórias e as memórias sobre o movimento de trabalhadores ocorrido em Fernandópolis, em 1949, constituem parte significativa da pesquisa em desenvolvimento sobre as culturas, memórias e experiências comunistas no Noroeste do Estado de São Paulo, 1945-1955. Os processos sociais de construção de memórias sobre as experiências de luta e militância política em Fernandópolis levou-me a identificar a memória como um lugar de disputa pela hegemonia na cidade e o movimento de 1949 como um lugar de confluências de conflitos e de culturas de classe.

Palavras-chave: comunismo, cultura, memória.

Abstract: The histories and the memoirs on the workers' movement happened in Fernandópolis, in 1949, they constitute significant part of the research in development about the cultures, memoirs and communist experiences in the Northwest of the State of São Paulo, 1945-1955. The social processes of construction of memoirs on the fight experiences and political militancy in Fernandópolis took me to identify the memory as a dispute place for the hegemony in the city and the movement of 1949 as a place of confluences of conflicts and of class cultures.

Keywords: communism, culture, memory.

As memórias e as histórias imbricadas nas experiências de trabalhadores em movimento em Fernandópolis, Região Noroeste do Estado de São Paulo, no período de 1945 a 1955, compostas a partir dos embates da luta política diária pela vida e pelo ideal de revolução agrária constituem o objeto da pesquisa em curso. O movimento de 1949 em

* Doutorando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Professor do Centro Universitário de Jales – UNIJALES e Professor da Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF. Este texto constitui-se parte da reflexão teórica e metodológica realizadas durante as disciplinas oferecidas pela Linha de Pesquisa “Trabalho e Movimentos Sociais” do Doutorado em História da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, da pesquisa iniciada em março de 2006 no Doutorado em História Social pela UFU, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida. E-mail: vagnerjmoreira@terra.com.br

Fernandópolis é interpretado como ponto de injeção ou de confluência de muitas experiências de luta e expressão de culturas de classe.¹

O processo de elaboração dos referenciais teóricos e metodológicos é um processo contínuo, ativo e dinâmico e exige sempre a reflexão e a sistematização sobre as problemáticas relevantes postas por esse processo. Nesse momento, algumas questões são centrais: O que estamos chamando de cultura e de experiência social? O que significa e quais as implicações teóricas e políticas para a pesquisa em História reafirmar “outras memórias e outras histórias”? Como organizar a pesquisa ao apontar outras memórias e outras histórias sobre o movimento de 1949 em Fernandópolis? Como pesquisar e privilegiar as diferenças, a pluralidade e a multiplicidade de experiências sociais, sem limitar-se a uma perspectiva pós-moderna de perceber a diversidade cultural e descrevê-la ou inventariá-la e, sim, problematizar as tensões, os conflitos e antagonismos sempre presentes em culturas de classe? Quais as implicações para a pesquisa em considerar as diversas fontes, evidências, com as quais trabalhamos como linguagens? Que lugar ocupam as fontes e os sujeitos da pesquisa no texto do historiador? São questões que o espaço deste texto não permite esgotar, mas pretendo tangenciá-las.

A idéia de cultura e as complexidades de suas versões impõem ao pesquisador a problematização e a definição da perspectiva pela qual irá trilhar no caminho da pesquisa. A partir da tradição marxista e de alguns de seus autores, as culturas da classe trabalhadora, nas suas relações com práticas, significados e valores hegemônicos, têm sido pesquisadas com vigor e sempre delimitadas para a expressão e compreensão de modos de vida global, em todas as dimensões da experiência humana expressas nas práticas, nos processos simbólicos, nos rituais, nas tradições, na elaboração/reelaboração de valores, nas diversas formas de lazer e no viver no campo e no viver na cidade, sempre permeados por tensões e contradições constantes. E. P. Thompson (1981), historiador de tradição marxista, nomeou essa relação como a “‘genética’ de todo o processo histórico”, em que as experiências e as culturas de classe exercem pressão sobre o conjunto das experiências humanas. O autor observa que a “experiência” e a “cultura” estão sempre em relação nos processos históricos vivenciados por

¹ Cf. PROCESSO CRIME, N.º. 140 de 1949, da Comarca de Votuporanga/SP. Esse processo na Justiça originou-se do indiciamento policial de diversos trabalhadores em razão do movimento de 23 para 24 de junho de 1949. Como está afirmado no documento, era a noite de São João e foi escolhida para dar início a “Revolução Agrária” e “Comunista no Brasil”. Em Fernandópolis, um grupo de trabalhadores, agricultores em sua maioria, sob a liderança de Antônio Alves dos Santos, conhecido como Antônio Joaquim, projetaram na região a revolução que iria tirar da miséria todos os trabalhadores, abolir a injusta condição social dos trabalhadores, por fim ao absolutismo dos patrões, a escravização, a ganância e a exploração dos intermediários. Declarava a inutilidade de se trabalhar para os outros e a distribuição gratuita da terra e encerrar de vez as ações imperialistas no país.

sujeitos diversos. O ser social em sua vida diária “dialoga” com a consciência social. Nesse diálogo tenso é que compreende o local para o “fazer-se” da experiência. E a experiência é a “resposta mental e emocional” aos acontecimentos da vida diária. Para Thompson (1981: 189), a cultura é o local em que a experiência atua, pois os sujeitos “como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou [...] na arte ou nas convicções religiosas.” A partir desse ponto de vista, a cultura “pode ser descrita como consciência afetiva e moral”.

E. P. Thompson corrobora para a formulação da premissa que, em minha opinião, deve fundamentar o diálogo interdisciplinar entre a História e os outros campos do conhecimento, não somente com a Antropologia. Para Thompson (2001: 234), o diálogo com a Antropologia tem sido relevante, à medida que o processo histórico diverso é problematizado, a partir de novas questões, novos problemas, não apenas “à lógica da mudança e mais à reconstituição de estados passados de consciência e à textura das relações domésticas e sociais”. Assevera que as aproximações entre as disciplinas permitem ao historiador ir em busca de categorias para melhor compreender experiências complexas e plurais. Todavia, sempre precisam ser testados na pesquisa empírica.² E Thompson (2001: 229) conclui:

[...] o estímulo antropológico se traduz primordialmente não na construção do modelo, mas na identificação de novos problemas, na visualização de velhos problemas em novas formas, na ênfase em normas (ou sistemas de valores) e em rituais, atentando para as expressivas funções das formas de amotinação e agitação, assim como para as expressões simbólicas de autoridade, controle e hegemonia.

A partir desta perspectiva historiográfica, é possível problematizar, descrever e interpretar os modos de viver, as lutas, as formas de organização, ou o viver diário repleto de costumes, normas, valores e tradições, privilegiando a pluralidade do fazer histórico, como afirma Thompson (1998: 15-17), na obra “Costumes em comum”, sem “separar os resíduos culturais do seu contexto”. “O costume era o campo para a mudança e a disputa”. Ainda no artigo “Folclore, Antropologia e História Social”, o autor situa que, muitas lutas ou disputas

² No final do artigo, Thompson, como em outras de suas obras, critica a metáfora “base e superestrutura” presente em muitas tradições marxistas e conclui que a metáfora deve ser abandonada, pois não passa de uma abstração, “de uma idéia na cabeça”, juntamente com a categoria muito limitada de o “econômico”. Para fundamentar sua proposição, Thompson analisa a obra de Marx e afirma que mesmo ele não se serviu continuamente da metáfora base/superestrutura e da categoria “econômico” na crítica à economia política. Para Thompson, o que Marx enfatiza não é a primazia do “econômico” em “que as normas e a cultura são vistas como reflexos secundários” e sim “a simultaneidade da manifestação de relações produtivas particulares em *todos* os sistemas e áreas da vida social”. Portanto, a analogia “base e superestrutura” é extramente insatisfatória, “não tem conserto”, já que subjaz ao reducionismo ou ao determinismo econômico vulgar. Cf. THOMPSON, E. P. (NEGRO, A. L.; SILVA, S. orgs.) **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: UNICAMP, 2001.

clássicas dos trabalhadores ganharam contornos e significados à medida que lutavam pela manutenção de determinados costumes – conflitos em torno dos salários e condições de trabalho também são considerados, mas o que chama a atenção era a relevância dos costumes, rituais e tradições inventadas como pressão para as lutas diversas da vida diária. Enfatiza a relevância para o historiador, em suas pesquisas, de ir em busca de evidências das práticas dos rituais populares (a “venda” de esposas, por exemplo) e que podem dizer muito a respeito de normas e expectativas elaboradas pelos trabalhadores.

Nessa perspectiva que entendo que os trabalhadores em Fernandópolis, ao final da década de 1940 e o início da década de 1950, procuraram intervir nos rumos de suas vidas ao propor um movimento de revolução agrária ou o movimento grevista de colonos em 1950 e em 1953. Para compreender esse processo histórico de intervenção ou elaboração de projetos, em que os trabalhadores buscam mudar a sociedade ou minimizar os impactos da exploração em suas vidas, suas formulações foram fundamentadas nos seus modos de viver (a vida diária na cidade e no campo). Para compreender as “formas de amotinação e agitação, assim como para as expressões simbólicas de autoridade, controle e hegemonia” é necessário um olhar atento para os costumes, valores, normas e expectativas, que regiam os modos de viver desses trabalhadores e para os significados que atribuíam as suas experiências, pois, um levante, ou um “[...] motim ilumina as normas dos anos de tranquilidade, e uma repentina quebra de deferência nos permite entender melhor os hábitos de consideração que foram quebrados. Isso pode valer tanto para a conduta pública e social quanto para atitudes mais íntimas e domésticas.” (THOMPSON, 2001: 235).

As pesquisas históricas, a partir da tradição marxista inglesa, ao problematizar os processos históricos, partem de uma perspectiva relacional do movimento histórico. Stuart Hall (2003) tem enfatizado esse aspecto como relevante da interpretação histórica e cultural, quando avalia, historicamente as obras que constituem o principal paradigma dos “Estudos Culturais” ingleses. Os usos do termo de cultura, que, segundo o autor, já em 1980 tinham se tornado um lugar-comum, tornaram-se complexos e sua definição sempre deve se constituir como ponto de partida. Assim, historiciza o processo de elaboração de Raymond Williams, Richard Hoggart e E. P. Thompson sobre cultura como relevantes para “marcar o novo terreno” ou problemática dos “Estudos Culturais”. Hall afirma que Williams assimila a crítica de Thompson e passa a considerar a cultura ou os “modos de vida global” que só existem como a “dimensão de luta e confronto com *modos* de vida opostos”. O que Thompson (1981) quer afirmar é o sentido classista dos modos de vida diversos, impregnados de valores e

visões de mundo em constante tensão, contradição em relação com práticas, significados e valores hegemônicos. Hall insere Williams nesse ambiente de elaborações dos Estudos Culturais ingleses de vertente culturalista e o contrapõe ao paradigma estruturalista. Todavia, em meio a esse debate, E. P. Thompson (1981) nega o rótulo ou o epíteto “culturalismo” para a tradição marxista inglesa na qual ele se incluía. A menção é feita na nota 168 da obra “A miséria da teoria ou um planetário de erros”. O debate em torno da “Miséria da teoria” e sobre o “culturalismo” também foi formulado em diversos artigos da obra organizada por Raphael Samuel, “Historia popular y teoria socialista”. Em artigo nessa obra, Thompson (1984: 301-317) refuta o epíteto de “culturalista” e que já afirmava sua posição muito antes da publicação da obra “A miséria da teoria”. Essa posição foi expressa, quando resenhou, em 1961, a obra de Raymond Williams, “The long revolution”.

A partir dessa perspectiva historiográfica, as culturas são engendradas entre as classes e grupos sociais diferentes, sempre tendo, como base, as suas relações e condições de existência, e está situada no terreno da luta de classes e da vida diária. Os costumes, as tradições e as práticas diárias expressam, sempre, essas tensões e contradições.

Stuart Hall (2003) delinea o traço geral de uma tradição marxista dos Estudos Culturais ingleses. O esforço de Hall é positivo à medida que mapeia o quanto eram (são) complexas as pesquisas ou elaborações teóricas em torno do termo “cultura” e aponta a obra de Thompson e Williams – entre outros – como relevantes para a compreensão sobre as culturas dos trabalhadores, situando a dialética da “contenção e resistência”. A vida diária é experienciada no limiar de suas contradições, porque vivida na relação com práticas, significados e valores hegemônicos.

A interpretação dos significados das atitudes, práticas, costumes, tradições, hábitos, valores, ou dos próprios contornos da oralidade, expressas nas declarações, ou narrativas, que constitui o caminho a ser seguido pelo pesquisador. Os sujeitos históricos do presente e do passado experimentam a vida diária de maneira plural, não respondendo de forma homogênea às pressões. É a relação dialética do ser social e a consciência social. A pluralidade de normas e valores sempre presente nas relações vividas em torno de um mesmo grupo expõe as tensões e os conflitos nos processos históricos e culturais. O grupo de trabalhadores de Fernandópolis reunidos, sob um projeto político de revolução agrária ou comunista, partilhava expectativas diferenciadas. A própria constituição heterogênea do grupo de trabalhadores (trabalhadores rurais, pequenos e médios proprietários, professores, comerciantes, advogado) expressa anseios plurais, embora compartilhassem de uma

perspectiva política parecida. Essa noção de cultura ampliada fundamenta a pesquisa em curso sobre os trabalhadores em Fernandópolis. O movimento que ocorre num dia específico (e não foi um movimento vitorioso. É uma das causas perdidas dos trabalhadores) requeria uma cultura densamente rica de hábitos, valores, tradições inventadas, expectativas. Verdadeiramente, uma cultura no plural.

É nessa perspectiva que tenho articulado minha interpretação sobre os modos de viver dos trabalhadores de Fernandópolis em 1949. As suas experiências foram forjadas na tensão e relação com os grupos que exerciam poder no município. Os projetos elaborados para a vida têm a marca da experiência: viviam num ambiente complexo, de forte pressão política por conta da Guerra Fria, em que as tensões locais são entremeadas e exacerbadas e a polícia política do Estado de São Paulo (DEOSP) ampliando suas operações.

A memória histórica desse movimento é dividida e evidencia as tensões vividas pelos diversos habitantes da cidade e do campo. (PORTELLI, 1996). As memórias daqueles que no presente se dispõem a falar sobre esse passado estão cheias de ambigüidades permeadas por antagonismos, interesses, necessidades e expectativas diversas. A negação do direito à memória vem sempre acompanhada de implicações políticas, como o exercício do poder político e de domínio sobre os trabalhadores no presente e no passado. Nessa perspectiva, Yara Aun Khoury tem se dedicado a refletir sobre os processos sociais de construção de memórias, atos interpretativos e seus significados sempre presentes nas narrativas orais, que se constituem no principal material de minha pesquisa. Yara Khoury, muito próxima das elaborações de Alessandro Portelli e do Grupo de Memória Popular do Centro de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham, que perscruta sempre sobre os modos pelos quais se produzem os sentidos do passado, afirma que

Nosso compromisso de inventariar as diferenças e de perceber tendências que tensionam na dinâmica social passa, também, por compreender processos sociais de construção de memórias. Essa tarefa implica explorar esses processos em suas significações, atentos às relações imbricadas por meio das quais se engendram; passa pela observação de modos como instituições se atualizam e realimentam seu poder, recorrendo também a discursos e práticas simbólicas. Focando forças hegemônicas, ou outras mais subalternas e obscuras, vamos ensaiando explicações relacionadas dos fatos e significações em processos históricos específicos, destacando não só realidades mais visíveis, como as mais sutis, costumeiras e simbólicas. O esforço é de compreender como as pessoas se apropriam e usam o passado, no campo complexo das disputas dentro das quais se constituem. (KHOURY, 2004: 132-133).

Yara Khoury destaca que é significativa a relação em inventariar as diferenças de experiências e de tendências ou projetos que tensionam o social e apresentam-se como alternativos ou de oposição. É uma maneira de pluralizar, assim democratizar e politizar a

produção do conhecimento histórico, já que as problemáticas estão situadas no tempo presente. A dimensão do conflito ou da luta de classe não está ausente do olhar da historiadora. Há nessa perspectiva uma possibilidade de compreensão da complexidade da realidade social, à medida que se percebe a relação com os processos sociais de construção de memórias. A discussão sobre a memória efetiva e dominante ou hegemônica, com seus silêncios e reelaborações na imprensa local e regional, as memórias presentes nos documentos oficiais produzidos pelo DEOPS ou pela Justiça nos processos crimes e nas narrativas orais, emergem como problemática, pois é premente a cogitação sobre os processos sociais de construção das memórias e suas significações no presente e no passado, como salienta Yara Khoury. A memória é colocada, então, num campo de tensão. Outras memórias, as memórias dos trabalhadores, tensionam por outras histórias sobre a cidade e sobre experiências de trabalhadores em movimento ou não, mas que têm nas lembranças um lugar para pôr em questão a história da cidade.

Referências Bibliográficas:

- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. (SOVIK, L. org.) Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.
- KHOURY, Y. A. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, D. R. et al. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.
- PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. (coordenadores.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- _____. (NEGRO, A. L; SILVA, S. orgs.) **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: UNICAMP, 2001.
- _____. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. La política de la teoría. In: SAMUEL, R. (org.) **Historia popular y teoria socialista**. Barcelona: Editora Crítica-Grijalbo, 1984.